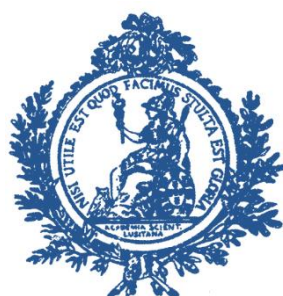


E. R. de Arantes e Oliveira

**PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE
DE ASSINATURA DO CONVÊNIO COM A
ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE MOÇAMBIQUE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

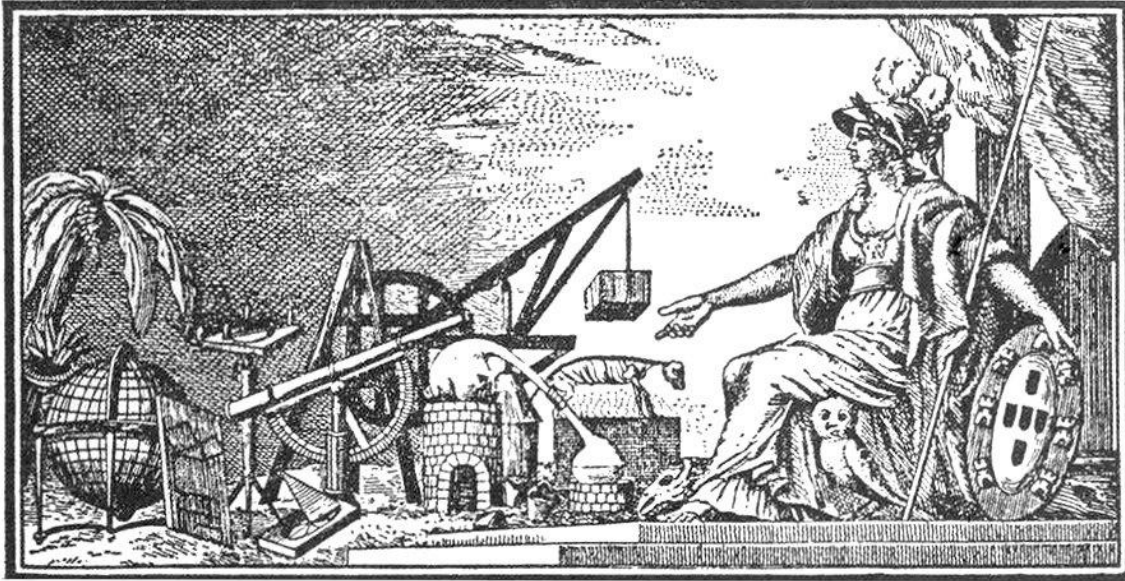
E. R. de Arantes e Oliveira

**PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE
DE ASSINATURA DO CONVÊNIO COM A
ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE MOÇAMBIQUE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS



PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE DE ASSINATURA DO CONVÊNIO COM A ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE MOÇAMBIQUE

E. R. de Arantes e Oliveira

Senhores Membros do Governo de Moçambique e Portugal, Excelências
Eminente Presidente da Academia de Ciências de Moçambique
Magnífico Reitor da Universidade Eduardo Mondelane
Senhores Académicos e Professores
Minhas Senhoras e meus Senhores

Tendo-me sido dada a honra de tomar a palavra nesta sessão da Academia de Ciências de Moçambique, como Vice-presidente da Academia das Ciências de Lisboa, no impedimento do seu Presidente, Professor Doutor Adriano Moreira, que me pediu para apresentar os seus cumprimentos, não quereria deixar de começar apresentando as minhas cordiais saudações ao Prof. Doutor Orlando Quilambo, Presidente da Academia de Moçambique, ao Magnífico Reitor da Universidade Eduardo Mondelane, Prof. Doutor Filipe Couto, e a todos os ilustres académicos e professores.

O muito amor que dedico a Moçambique tem-me levado a acompanhar a evolução do seu Sistema Científico. Segui, desde os primeiros passos, a evolução da sua Universidade. Cheguei a reger nela, como professor convidado, um pequeno curso de 40 lições. Visitei-a duas vezes já depois da Independência, e conheci vários dos seus professores. Quando da primeira dessas visitas, vim como Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, chefiando uma delegação composta por representantes de todas as suas Escolas.

Mais tarde, nos anos 80 do século XX, participei, como Director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil de Lisboa, nas reuniões anuais dos Directores dos Laboratórios de Engenharia Civil dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, o que me permitiu manter-me em contacto com o Laboratório de Moçambique.

Tendo sido criada, no ano passado, a Academia de Ciências de Moçambique, apressei-me a enviar, como Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, que então era, recorrendo à amabilidade da Embaixada de Portugal em Maputo, os jubilosos votos que lhe eram devidos, e pus-me à disposição para promover, do lado português, uma cooperação que hoje se inicia com a assinatura de um fraternal Convénio.

Sedeado a milhares de quilómetros de distância, tenho tido porém dificuldade em acompanhar a actividade da Academia. Mas li uma interessante entrevista dada ao Jornal Notícias, a 4 de Janeiro do corrente ano, pelo Presidente Orlando Quilambo. Tomei conhecimento de que a nova Academia abrange, como a de Lisboa, um grande número de áreas do saber, e que “tem como objectivos contribuir para o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia em Moçambique, divulgar os avanços científicos nacionais e universais, prestigiar a investigação científica de excelência feita no país, elevar a ética profissional e a valorização social dos cientistas moçambicanos, e estreitar os vínculos dos cientistas entre si, com a sociedade e com o resto do mundo”.

Sei que se divide em três Secções, as de Ciências Tecnológicas, Ciências Naturais, e Letras e Ciências Sociais. Também a Academia Portuguesa começou por se dividir em três classes sensivelmente correspondentes: as de Ciências de Cálculo, Ciências de Observação, e Belas Letras. Só em 1851 o número de Classes se reduziu a duas: a Classe de Ciências, resultante da fusão das de Ciências de Cálculo e de Ciências de Observação, e a Classe de Letras, correspondente à Secção de Letras e Ciências Sociais da Academia de Moçambique.

Segundo o Prof. Quilambo, “um dos grandes actos das academias é aconselhar o Governo sobre as grandes acções”. Também a Academia portuguesa começou por ser a principal instituição de consulta do Governo português, abençoada pois por uma procura de carácter científico e tecnológico, e fortemente estimulada pela resolução dos problemas que lhe eram postos.

Várias organizações internacionais têm nascido da necessidade de assegurar a cooperação multilateral entre Academias e o funcionamento destas em rede. A mais antiga dessas organizações é o International Council for Science - ICSU. Fundado em 1931 para promover a actividade científica internacional em benefício da Humanidade, o ICSU, que hoje faz parte do Sistema da UNESCO,

não só acolhe como membros as Uniões Científicas Internacionais, como representantes dos Estados-membros, entre os quais muitas Academias. É nomeadamente a nossa Academia que assegura a representação portuguesa. Em Outubro de 2009, a Assembleia-Geral da Organização escolheu a Cidade de Maputo, para a sua primeira reunião a Sul do Sahara, o que constituiu uma homenagem prestada a Moçambique. Nessa reunião, a Academia das Ciências fez-se representar por um seu ilustre sócio, o Prof. Luís António Aires-Barros, que, além de membro da Academia das Ciências, é Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

O apoio ao desenvolvimento científico da África é de facto um dos pilares da política internacional da nossa instituição. Na mensagem que dirigi aos académicos ao ser eleito Presidente para o ano de 2009, delineei essa política, afirmando que, no que se refere às relações internacionais, nos interessa, não só estreitar as relações com as instituições brasileiras e com as Academias Europeias, como as integradas nos Institutos de França e de Espanha, mas também contribuir para o desenvolvimento científico do Continente Africano, tanto na sua Orla Mediterrânica - em cooperação com outras Academias da Europa do Sul e do Norte de África -, como na sua parte Austral, cooperando, nomeadamente, com a vossa Academia.

Lembro, para terminar, que uma das preocupações fundamentais da Academia das Ciências de Lisboa será sempre a da defesa da língua portuguesa e da cultura lusófona, em cooperação com a Academia Brasileira de Letras, e com as instituições dos restantes países lusófonos da África e da Ásia, entre os quais Moçambique. Lembro que elegemos já dois moçambicanos, a Dr.^a Sara Machel e o Mestre Malangatana, para a categoria de sócios correspondentes lusófonos da Classe de Letras da nossa Academia.

Termino, Senhor Presidente, Senhoras Académicos, formulando votos de que a vossa Academia rapidamente se transforme numa das mais relevantes instituições deste maravilhoso País.

(Comunicação apresentada a 3 de Março de 2010)